

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO MESQUITA” -
UNESP**

Instituto de Artes – IA

Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES

Luis Alberto de Souza

**O corpo marcado: imagens e narrativas de formação docente
em Arte, na construção de um livro de artista**

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO MESQUITA” - UNESP

Instituto de Artes – IA

Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES

Luis Alberto de Souza

O corpo marcado: imagens e narrativas de formação docente em Arte, na construção de um livro de artista

Este artigo é resultado de uma proposta criação poética apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita”– UNESP como requisito ao título de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maristela Sanches Rodrigues

São Paulo

2018

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes
da UNESP

S729c

Souza, Luis Alberto de.

O corpo marcado: imagens e narrativas de formação docente em Arte, na construção de um livro de artista / Luis Alberto de Souza. - São Paulo, 2018.

24 f.: il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maristela Sanches Rodrigues

Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Livros de artistas. 2. Criação (Literária, artística, etc.).
3. Poética. 4. Professores - Formação. 5. Professores de arte - Narrativas pessoais. I. Rodrigues, Maristela Sanches. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

(Mariana Borges Gasparino - CRB 8/7762)

Câmpus de São Paulo

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O corpo marcado: imagens e narrativas de formação docente em Arte, na construção de um livro de artista

AUTOR: LUIS ALBERTO DE SOUZA

ORIENTADORA: MARISTELA SANCHES RODRIGUES

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em ARTES,
área: Ensino de Artes pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARISTELA SANCHES RODRIGUES

Campus Jacareí / Instituto Federal de São Paulo

Profa. Dra. REJANE GALVÃO COUTINHO

Departamento de Artes Cênicas Ed Fund Com / Instituto de Artes de São Paulo

Prof. Dr. ERICK ORLOSKI

Departamento de Artes Visuais / Universidade Federal do Espírito Santo - Participação
por videconferência

São Paulo, 07 de julho de 2018

Instituto de Artes - Câmpus de São Paulo -

Rua Doutor Bento Teobaldo Ferraz, 271, 01140070, São Paulo - São Paulo

<http://www.ia.unesp.br/#!/pos-graduacao/profartes/CNPJ: 48031918001791>.

O corpo marcado: imagens e narrativas de formação docente em Arte, na construção de um livro de artista

Luis Alberto de Souza¹

Resumo

Este texto é o resultado da pesquisa conduzida durante o curso oferecido pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES), no Instituto de Artes da UNESP/SP, cuja proposta é promover a reflexão acerca do processo de criação poética, tendo como base as narrativas de histórias de vida de um grupo de cinco professores de Arte da Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP. O artigo busca contribuir para a compreensão da formação de professores de Arte, tomando como recorte suas experiências vividas com a arte e seu processo de ensino.

Palavras-chave: Livro de artista, processo de criação, poética, formação de professores, narrativas.

¹ Mestrando do Programa Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita” – UNESP/SP, bolsista da CAPES.

Abstract

This text is the result of a research led during the course offered by Arts Professional Masters Program (PROF-ARTES), in UNESP Arts Institute – State of São Paulo, which purpose is to promote the reflexion about poetic creation process, based on life stories narratives of a five Art teachers' group from Municipal Education Network of São José dos Campos, state of São Paulo. This article aims to contribute for the comprehension about Art teacher's formation, focusing their life experiences with arts and teaching process.

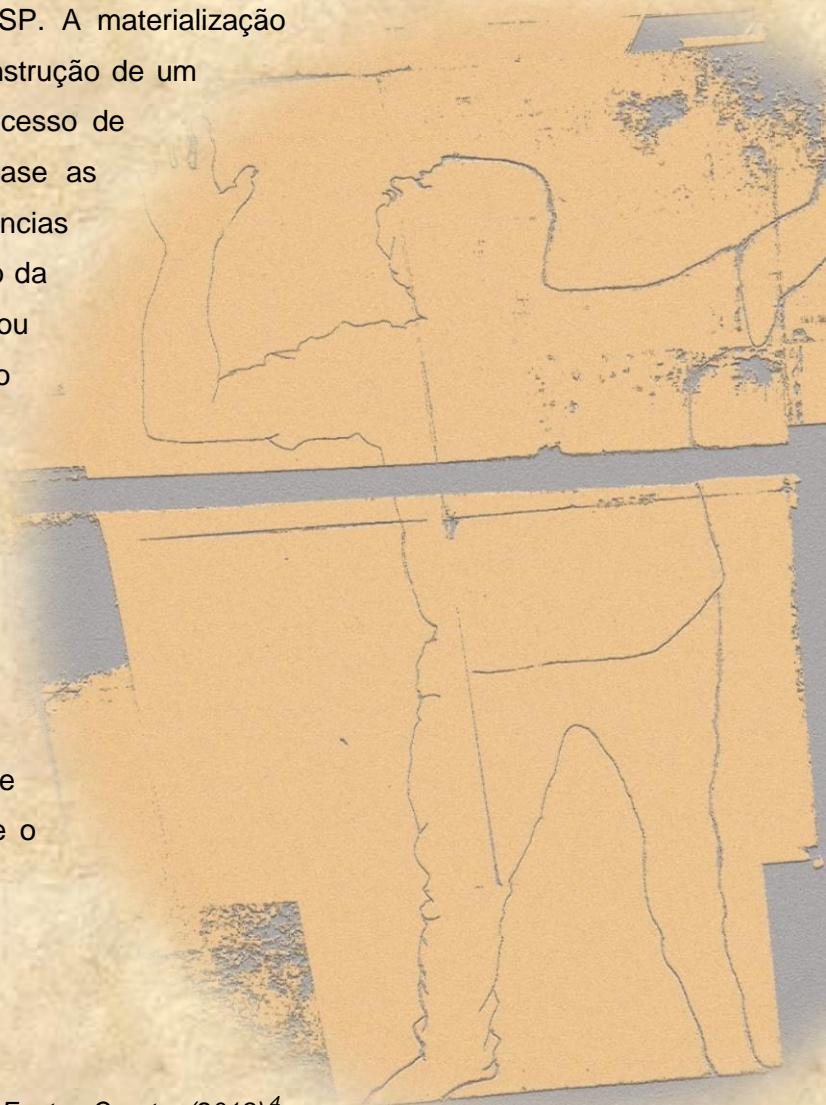
Keywords: Artist's book, creation process, poetic, teacher's formation, narratives.

Sumário

Introdução	8
1. Desenhando por entre linhas.....	9
2. Tatuando corpos.....	13
3. Livro de artista:um corpo em formação.....	15
4. Livro de artista: Desdobramentos dos corpos e narrativas	17
5. Corpo em construção	18
6. O processo poético de construção do livro de artista.....	19
7. Corpos Narrativos.....	21
8. O artista: um corpo invisível.....	23
9. Corpo político	24
10.Corpo artístico.....	26
Considerações	27
Referências	29

Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão a respeito do processo de criação poética realizado durante a pesquisa no Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES)², no Instituto de Artes da UNESP/SP e que se relaciona à formação docente de um grupo de cinco professores de Arte³, da Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP. A materialização desse processo ocorre por meio da construção de um livro de artista que decorre de um processo de pesquisa na escola e que tem por base as narrativas de histórias de vida e experiências desses professores no campo do ensino da arte, buscando identificar aproximações ou distanciamentos entre o universo artístico e pedagógico que ocorreram durante suas trajetórias. Também, ao investigar a formação deste grupo de professores de Arte, ocorreu-me um movimento que despertou o olhar para o meu próprio processo de formação, conduzindo-me a rever histórias e experiências de vida que teceram os fios entre o ser professor e o ser artista.



Fonte: O autor (2018)⁴

² O PROF-ARTES é um programa de pós-graduação Stricto Sensu em Artes, com duração de 24 meses, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O programa tem como objetivo capacitar professores da rede pública de ensino, na área de Artes, para o exercício da docência na Educação Básica, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País. A realização dessa pesquisa conta com o apoio de bolsa oferecida pela CAPES.

³ O termo *professores de Arte* será utilizado no masculino. No entanto, está implícita nessa denominação a presença do gênero masculino e feminino.

⁴ Todas imagens presentes nesse texto foram elaboradas pelo autor a partir de trabalho colaborativo com os professores entrevistados ou referem-se à fragmentos da composição do próprio livro de artista.

1. Desenhando por entre linhas

O interesse pela formação de professores remonta ao início da minha carreira docente, iniciada no ano de 2010, quando me efetivei como professor de Arte na Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP, e na sequência na Rede Estadual do Estado de São Paulo, em 2011. A partir disso, houve um processo de amadurecimento de questões ligadas a esse assunto; o ingresso no Mestrado Profissional ressalta-se, mais precisamente durante a disciplina de *Metodologias da Pesquisa*, trouxe a ampliação do entendimento dos diferentes métodos de pesquisa em Arte e proporcionou, dessa forma, o contato com o método biográfico, que abriu a possibilidade de uma abordagem mais teórica sobre a formação docente, tendo como base as histórias de vida dos professores de Arte.

Essa escolha está ligada à reconstrução e compreensão de percursos mediados pela memória, como um revolvimento de camadas que, ao longo da trajetória de vida, foram se sobrepondo e se acomodando, mas que poderiam se revelar como um processo de autoconhecimento e reconhecimento das dimensões da formação de professor.

Figura 2: Fragmento II



Na disciplina *História do Ensino de Arte no Brasil*, foi possível perceber as diferentes concepções filosóficas e metodológicas que influenciaram o ensino de Arte no país, contextualizando e promovendo a reflexão acerca do papel do professor de Arte, suas histórias e percepções de ensino, o que também contribuiu para delinear o interesse de pesquisa. Nessa direção pude identificar, durante as reuniões específicas dos professores de Arte, denominadas de HTC (Horário de Trabalho Coletivo)⁵ na Rede de Ensino Municipal, o desejo desses profissionais em

Fonte: O autor (2018)

⁵ Horário de Trabalho Coletivo (HTC) faz parte da carga horária do professor da Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP, sendo cumprido semanalmente às terças e quintas-feiras, em período diurno ou noturno, diferente ao de sala de aula, com duração de 3 horas-aulas por encontro. O HTC é utilizado para:

narrar suas experiências, dificuldades, angústias e perspectivas relacionadas ao exercício da profissão. Por outro lado, constatei um limite de atuação ao se tratar da formação profissional com enfoque nas narrativas de histórias de vida, nesse espaço, considerando a existência de uma pauta previamente elaborada, em que outras questões, demandas ou direcionamentos são priorizados, conforme as orientações da Secretaria Municipal de Educação. Permaneciam assim as minhas indagações: *Quem são esses professores de Arte? De onde vêm? E quais caminhos trilharam até chegar aqui?*

Diante dessas questões, com as quais fui estabelecendo diálogos, ora com os professores, ora com referenciais teóricos que tratam desse assunto relacionado às histórias de vida e formação docente, alguns desafios da pesquisa foram surgindo. Dentre esses, destaco: de que forma estruturar um projeto de pesquisa que ofereça condições de ir ao encontro de respostas a essas inquietações? Que critério (s) utilizar para a seleção dos participantes da pesquisa? Como estabelecer essa coleta de dados? Qual o melhor procedimento a ser adotado?

Buscando organizar os meios para encontrar as pistas que levassem à compreensão que este estudo requeria, uma das primeiras decisões foi escolher o grupo de professores de Arte. O critério seletivo utilizado tinha como foco a relação de tempo de exercício docente, pensando na possibilidade de colher pontos de vista distintos, decorrentes das experiências acumuladas ao longo das trajetórias de formação. Essa escolha teve como subsídio o conceito de ciclo de vida profissional de professores elaborado por Michael Huberman (1995), segundo o qual a carreira docente pode estar relacionada às fases determinadas por tempo de atuação profissional e que se sucedem como processos que, aparentemente, apresentam certa continuidade, mas que ao serem analisados de perto revelam descontinuidades e acontecimentos aleatórios. Foi com base nessa perspectiva que, naquele momento, esse recorte se apresentou como plausível e coerente, levando em consideração a heterogeneidade com que é constituído o corpo docente dos professores de Arte da Rede de Ensino Municipal.

-
- I. planejamento coletivo;
 - II. discussões da prática pedagógica;
 - III. estudos em grupo;
 - IV. trocas de experiências, palestras, cursos e oficinas, garantindo uma formação continuada.

Huberman (1995) organiza as fases num modelo esquemático capaz de oferecer recursos para pensar a formação de professores, mas a intenção não é abranger generalizações ou determinar perfis para um enquadramento profissional.

A seguir, apresento o grupo de professores entrevistado por mim, relacionando-os aos critérios de carreira docente definidos por Huberman (1995), ressaltando que essa escolha oferece um norteamento, mas que nem por isso os professores devem atender integralmente essas proposições:

Lucas, 23 (vinte e três) anos de idade, formação acadêmica em Licenciatura em Artes Visuais, especialização em Ensino de Arte: Técnica e Procedimento, tempo de docência em Arte de 01 (um) ano, atuante somente na Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP, nos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental. Atende ao critério de seleção compreendido entre o período de 01 (um) a 05 (cinco) anos de exercício docente, fase denominada como “Entrada na carreira” e caracterizada pela “sobrevivência” e pela “descoberta”, também traduzida como “choque do real” e de confronto inicial com a complexidade da atuação profissional. (HUBERMAN, 1995, p.38)

Figura 3: Fragmento III



Fonte: O autor (2018)

Ana, 60 (sessenta) anos de idade, formação acadêmica em Arquitetura e Urbanismo e Licenciatura em Artes Visuais, tempo de docência em Arte de 10 (dez) anos, atuante somente na Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP, nos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental. Atende ao critério de seleção compreendido entre o período de 06 (seis) a 10 (dez) anos de exercício docente,

fase que se refere a um momento de estabilidade da carreira. Vincula-se a um estágio reconhecido como “comprometimento definitivo”, resultante de uma escolha subjetiva, e o da “estabilização”, como um ato administrativo de nomeação oficial e a noção de independência e pertencimento a um corpo profissional. (HUBERMAN, 1995, p.38-39)

André, 39 (trinta e nove) anos de idade, formação acadêmica em Licenciatura em Educação Artística e Pedagogia. Atua na Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP nos Anos Iniciais (do 1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental e na Rede Estadual de São Paulo/SP do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Com 14 anos de prática docente em Arte, atende ao critério de seleção compreendido entre o período 11(onze) a 15(quinze) anos de exercício docente, compreendendo o que o autor identifica como fase de “experimentação ou diversificação”, podendo ser encarada como um momento em que as pessoas tendem a adquirir maior consciência da sua atuação em sala de aula e dos entraves institucionais que impedem a sua realização desenvolvendo, consequentemente, atitudes de maior crítica ao sistema. (HUBERMAN, 1995, p.41-43)

Josy, 52 (cinquenta e dois) anos de idade, formação acadêmica em Licenciatura em Artes Plásticas, Especialização em Psicopedagogia e em Violência Doméstica, Mestrado em Desenvolvimento Humano e doutoranda em Ciências da Educação. Atua somente na Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP, nos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental. Com 17 anos de atuação docente em Arte, atende ao critério de seleção da pesquisa compreendido entre o período 15(quinze) a 20(vinte) anos de carreira profissional. Nessa fase, identificada como de “serenidade e distanciamento afetivo” segundo Huberman, observa-se que o discurso dos professores evoca a presença de uma “grande serenidade”, apresentando-se como mais confiantes e menos sensíveis ou vulneráveis à avaliação dos outros. (HUBERMAN, 1995, p.43-45)

Vera, 67 (sessenta e sete anos), formação acadêmica em Magistério (denominado “Normal” à época) e Licenciatura em Desenho. No momento leciona somente na Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos/SP, nos Anos Finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, com 24 anos de atuação docente em Arte. Atende ao critério de seleção da pesquisa compreendido entre o período 20(vinte) a 25(vinte e cinco) anos de carreira profissional. Nessa fase, caracterizada como “desinvestimento”, uma preparação para a jubilação, serena ou amarga, dependendo dos resultados obtidos com o seu trabalho, podendo sentir-se realizado ou insatisfeito,

o que contribuiria para a canalização de energias para outras escolhas.
(HUBERMAN, 1995, p.46)

Ainda no primeiro ano de Mestrado, o procedimento cogitado para que fosse realizada a coleta de dados necessária para a pesquisa seria a formação de grupo focal⁶, o qual poderia trazer meios de discutir e refletir algumas questões relacionadas ao processo de formação desses profissionais. No entanto, essa escolha sofreu alteração e teve que ser substituída, devido à impossibilidade de uma reunião do grupo para a interação e discussão de questões propostas optando-se, então, pela escolha da entrevista semiestruturada como técnica a ser utilizada.

Após a constituição do grupo de professores, foram realizadas entrevistas durante o segundo semestre do ano de 2016 com local, dias e horários previamente agendados, com cada participante da pesquisa. Para essas entrevistas, foram elaboradas 10 (dez) questões direcionadas aos entrevistados, buscando desencadear a criação de um processo narrativo, ao invés de uma dinâmica de perguntas e respostas. Essas questões buscavam trazer à tona as experiências relacionadas à arte na infância, na escola, na educação não formal, no currículo prescrito, na formação acadêmica, nos rumos do processo de criação e fruição artística e, por fim, nos desafios encontrados em ser professor atualmente. Essa abordagem não ocorreu, como já mencionado, na dicotomia das perguntas e respostas, nem de maneira linear como um *script* a ser cumprido pelo entrevistador. Ela foi se constituindo como corpo de pesquisa por meio dos questionamentos que se faziam necessários.



Fonte: O autor (2018)

2. Tatuando corpos

A partir da realização das entrevistas com os professores, comecei então a perceber o quanto algumas dessas narrativas biográficas guardavam

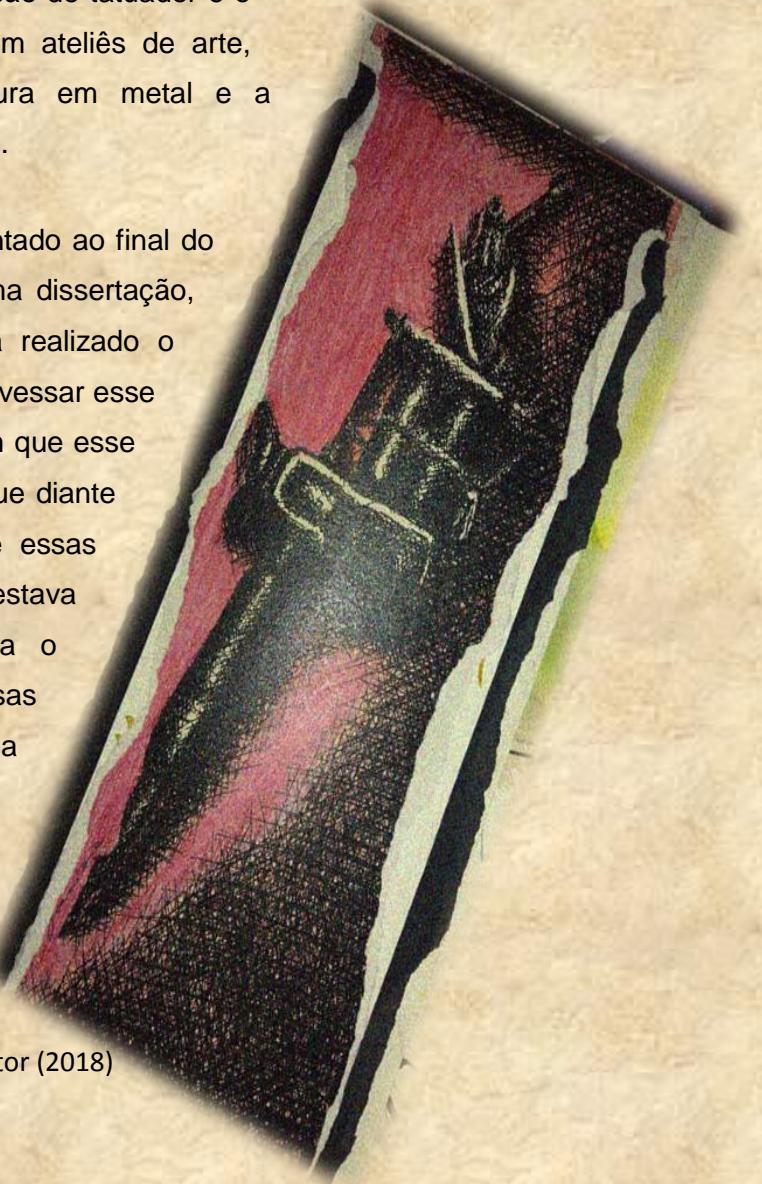
⁶ Nessa técnica segundo Gatti (2012, p.7): “Privilegia-se a seção dos participantes segundo alguns critérios – conforme o problema de estudo -, desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”.

semelhanças com meu processo formativo, ou em alguns casos, o quanto se distanciavam. À medida que foram sendo construídas, essas histórias foram adquirindo sentido e contribuíram para que, progressivamente, eu fosse me percebendo como parte desse corpo docente pesquisado e não somente como alguém que olha à distância para ele, compartilhando a identidade de um professor de Arte em constante formação.

O processo de criação poética, do qual resulta o livro de artista que dá origem a este texto, faz parte do percurso investigativo que foi se delineando ao longo da pesquisa e contribuiu para que me conduzisse a uma relação mais íntima com o objeto de investigação, no caso, as narrativas de história de vida. Essa percepção foi se aguçando à medida que essas histórias foram adquirindo sentido diante do meu próprio percurso formativo, contribuindo para que me identificasse cada vez mais. Um momento importante dessa transformação se refere a minha escolha pela carreira docente, ao final do curso de graduação acadêmica em Artes Visuais. Até esse período o meu envolvimento profissional e artístico estava ligado ao exercício da profissão de tatuador e o contato frequente com cursos oferecidos em ateliês de arte, onde desenvolvia técnicas como a gravura em metal e a xilogravura, desenhos e pinturas em aquarela.

A estrutura do trabalho a ser apresentado ao final do curso estava configurada no formato de uma dissertação, até o momento da pesquisa em que fora realizado o processo de qualificação. No entanto, ao atravessar esse processo, a direção, os meios e a forma com que esse produto fosse apresentado estavam em xeque diante das provocações acerca das relações que essas narrativas traziam. Por exemplo, onde estava encerrado o corpo-artístico que antecedia o corpo-professor de Arte? De que forma essas narrativas poderiam alimentar uma potência poética capaz de fazer surgir o artista? Como trazer à tona a tatuagem que estampa a pele e marca os corpos? A gravura obtida a partir do gesto irrevogável sobre a matéria? O desenho

Figura 5: Máquina de tatuar



Fonte: O autor (2018)

explorado a partir das linhas improváveis da forma? As relações tecidas com meu corpo no teatro e na capoeira?

Todas essas questões que, até então, encontravam-se estancadas, dissociadas ou adormecidas, passaram, a partir daí, a girar em busca de uma redefinição do meu próprio lugar nessa pesquisa, como um “caminhar para si”, referindo-se à imagem criada por Marie-Christine Josso (2002), para a qual a reconstituição de itinerários que se cruzam em diferentes percursos, durante a trajetória de formação, envolve situações como:

Figura 6: Livro de artista



[...] os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que lhe permitem não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas ainda compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e comportamentos. Por outras palavras, ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão que viagem e viajante são apenas um. (JOSSO, 2002, p.43)

Foi a partir desse momento, que me propus a aceitar o desafio e encontrar uma forma que conseguisse reorganizar, recriar e restabelecer uma relação entre os universos da criação artística e o do ensino de Arte. Assim, a elaboração de um livro de artista surge como uma nova proposta para o livro tradicional. Nessa tarefa de busca e reencontro dessas duas dimensões, o livro de artista surge como um caminho possível, em que há um processo de diluição entre objeto e sujeito, à medida que um se alimenta do outro.

3. Livro de artista:

um corpo em formação

A escolha do livro, como suporte físico dessa produção poética, está

relacionada à sua capacidade de abrigar o conteúdo da pesquisa e, ao mesmo tempo, estabelecer referências com o meio artístico e pedagógico. Uma dessas referências diz respeito à representação do livro como um corpo que ocupa lugar no espaço e que, na sua forma tradicional, é um objeto onipresente no ambiente escolar.

Por outro lado, a proposta para a qual esse trabalho remonta, de construção poética a partir da linguagem visual, busca ir além dessa concepção de objeto utilitário, funcional, mas como uma possibilidade de materialização da experiência criativa, que surge no diálogo entre a presença do corpo físico e narrativo dos professores envolvidos nesta pesquisa. Essa distinção entre livro, no sentido usual, e o livro de artista pode ser ilustrada a partir da seguinte conotação, proposta por Paulo Silveira (2008, p.120): “Mas se o livro é, o livro de artista é muito mais. É linguagem e metalinguagem tornadas concretas. É um corpo físico expressivo.”

A partir da percepção das relações existentes entre as narrativas e as memórias trazidas pelos professores de Arte, ficou cada vez mais evidente o quanto essas histórias de vida estavam materializadas, integralmente, naqueles corpos narradores que se colocavam nos espaços das salas de aula e que traziam inúmeras experiências vividas com a arte.

A construção desse trabalho representou também, em certa medida, uma contraposição à ideia cultivada pela ciência moderna ocidental, que realiza a distinção entre corpo e mente, em que a primazia do pensamento se sobressai às experiências vividas pelo corpo, numa visão cartesiana. Diante disso, buscando compreender as experiências como forma indissociável de perceber o vivido e o pensado, o racional e o emocional, o subjetivo e o objetivo, as narrativas de histórias de vida se apresentam como possibilidades que trazem as vozes implicadas na memória, no corpo físico, como parte dessa estrutura que age, que atua e se faz presente, e ao mesmo tempo se relaciona com a realidade e se pronuncia diante do tecido multiforme, componente das particularidades dos corpos docentes em formação.

É nesse sentido que o processo criativo proposto acolhe essa concepção de objeto que se posiciona no interstício entre a formação do professor de Arte e a vivência da produção poética, religando tecidos que aparentemente se encontravam dispersos no meu processo formativo, dispersão essa que também foi identificada durante as entrevistas realizadas com os professores de Arte. Dessa forma, a entrega à experiência de viver esse ato criador dialoga com o conceito de experiência *singular*.

proposto por John Dewey (2012), para o qual a existência dessa experiência está condicionada à interligação entre partes que a compõem, de forma que possam estabelecer um fluxo, sem interrupção entre elas e o fazer. Ou seja, não se trata de opor esses dois campos de atuação, mas de estabelecer condições para que essas duas dimensões, do ensinar arte e do viver um processo de criação artística, possam interagir e se retroalimentar. Podemos notar que o uso desses dois critérios apontados por Dewey (2012), o de continuidade e o de interação, contribuem para identificar possíveis tensões entre essas fronteiras, como sugere:

Nessas experiências, cada parte sucessiva flui livremente, sem interrupção e sem vazios não preenchidos, para o que vem a seguir. Ao mesmo tempo, não há sacrifício da identidade singular das partes. Um rio, como algo distinto de um lago, flui. [...] em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si. (DEWEY, 2012, p.111)

Assim, essas partes que vão compondo o corpo do estudo se encontram na possibilidade de viver uma experiência que nutre o corpo do professor de Arte e que faz emergir o artista. Também estabelece ligações com as significativas contribuições oferecidas pela disciplina de *Poéticas e processos na criação em Artes*, do currículo do curso de Mestrado Profissional, quando a partir da revisão de conceitos fundamentais das artes e seus processos criativos, pude acessar subsídios teóricos para explicar processos criativos que envolvem o uso de diferentes linguagens artísticas e exercitar o olhar distanciado e reflexivo sobre a prática e a teoria do ensino de Arte.

Essa disciplina também proporcionou ferramentas para que pudesse acessar camadas diversas entre o fazer e o ensinar arte, pois durante uma semana estivemos todos os alunos participantes da turma de ingresso no curso voltados e abertos para estabelecer diálogo entre esses dois campos, mostrando a viabilidade de se construir uma prática de ensino de Arte, sem relegar o seu processo de criação a um segundo plano. Essa experiência se revelou como um potente catalisador de afetos, de conhecimentos e de diálogo a respeito da formação de professores de Arte.

4. Livro de artista: Desdobramentos dos corpos e narrativas

Na sua constituição material, a proposta do livro de artista se constrói como um objeto que não se enquadra na forma do corpo do livro tradicional, tanto no que diz respeito ao volume, como na forma de apresentação, que regularmente ocorre numa

sequência de sucessivas páginas. Aqui, o livro de artista parte da decomposição interativa do volume e se expande, por meio de desdobramentos, em diferentes direções, ora se fragmentando, ora se reagrupando em imagens, cores, linhas e elementos textuais, remetendo às próprias circunstâncias que alimentaram a pesquisa e à construção das narrativas de histórias de vida.

Dessa forma, o trabalho de construção do livro de artista se faz a partir dessa materialidade dos corpos e das narrativas, que se abrem numa bricolagem⁷ a diversos caminhos e interpretações que não se pretende que sejam conclusivas, mas que vão se transformando e se interligando por meio das demandas reveladas pelas narrativas dos professores.

5. Corpo em construção

É, portanto, no exercício da pesquisa e de construção desse trabalho poético que esse corpo de experiências se faz presente e se refaz pelo desenho, pela pintura, pelo recorte-colagem, pela fotografia e pelo texto narrativo em diálogo com percursos que ora se cruzam, ora se distanciam, dependendo das situações vividas por cada um, transpondo margens e espaços para poder propor a construção de um corpo que é vivo pela multiplicidade das memórias evocadas. Narrativas de histórias de vida e experiências de formação desenham caminhos de bricolagem.

A concepção de bricolagem estabelece ligações no trabalho entre alguns pontos, como o método biográfico na forma de relações entre histórias de vida e percurso formativo, mas também expandindo em outras direções, de acordo com a necessidade de investigação, como a incorporação do processo de criação poética e uso de técnicas distintas, além da participação dos atores da pesquisa na elaboração do material visual poético. Essa participação teve por objetivo trazer não só as vozes, mas também a presença física dos corpos, como uma maneira de dar forma, contorno

⁷ O arranjo de elementos heterogêneos, a princípio díspares, que podem ser encontrados ao acaso, construindo algo novo é uma estratégia de bricolagem. Entendido como um procedimento criativo-metodológico, o termo foi cunhado por Lévi Strauss. (Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/paula_carpinetti_aversa.pdf). No campo da pesquisa educacional, Kincheloe (2006) seguiu um raciocínio semelhante ao definir a bricolagem como um modo de investigação que busca incorporar diferentes pontos de vista a respeito de um mesmo fenômeno. Em trabalho posterior, Kincheloe (2007) ampliou essa definição ao dizer que bricolagem é uma forma de fazer ciência que analisa e interpreta os fenômenos a partir de diversos olhares existentes na sociedade atual, sem que as relações de poder presentes no cotidiano sejam desconsideradas. Adotando uma posturaativa, a bricolagem rejeita as diretrizes e roteiros preexistentes, para criar processos de investigação ao passo em que surgem as demandas.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/15.pdf>

e visibilidade a esses dois corpos de conhecimento: o da produção artística e o do ensino de Arte.

Sendo assim, as imagens que se formam nesse processo de criação poética resultam do tecido das narrativas textuais e visuais construídas em processo de colaboração com os professores, trazendo corpos que emergem em diversas possibilidades de leituras. Esse processo, particularmente, também me remeteu à imagem do corpo diante da tatuagem, em que ao mesmo tempo em que marca, se deixa marcar, algo que se assemelha ao ato de ensinar. Aos poucos, esse movimento dialético entre o fazer e refletir sobre essa ação foi desenhando imagens recorrentes que em determinados momentos conduziam ao meu processo de formação, como uma alusão à metáfora do *Caminhar para si*, criada por Josso (2002), já mencionada anteriormente.

A busca pela compreensão do outro e das suas histórias encontravam ressonância nas minhas próprias experiências e, nesse sentido, a pesquisa assume uma dimensão que adentra o campo da poética, como possibilidade de transformação das concepções, das ações e das certezas, pois essa narrativa de processos de criação, por mais que deixe lacunas a serem preenchidas, situa-se no lugar de fala de quem vive a experiência cotidiana de se reinventar, de se ressignificar e de se refazer, constantemente, diante dos obstáculos ou desafios inerentes ao ser professor de Arte.

6. O processo poético de construção do livro de artista

Ao iniciar a proposta de construção do livro de artista as etapas sucederam-se e sobrepuiseram-se, paulatinamente, formando as camadas que se materializariam no trabalho apresentado.

A composição do suporte material ocorreu a partir de papéis que se encontravam guardados comigo há muito tempo. Há aproximadamente dez anos. Esses papéis um dia foram encontrados na rua, acomodados em pastas de papelão tamanho A2. Eram várias pastas que recolhi e levei-as para casa, guardando-as. Durante esse tempo esses papéis me acompanharam em minhas andanças e mudanças de endereço, sempre com a sensação de que, em determinado momento, seriam utilizados e foi quando me propus a construir esse livro de artista, não tive dúvidas, esse momento havia chegado.

Colados e dispostos de modo a formar um volume dobrável/desdobrável, o livro foi sendo elaborado tendo como base as narrativas e na corporeidade dos professores de arte e minhas próprias reflexões acerca desse processo de formação em arte.

As imagens, por sua vez, que tecem a narrativa visual do trabalho foram extraídas de um processo colaborativo, no qual os professores se dispuseram a representarem-se, fisicamente, por meio de desenhos e também de fotografias de registro desse processo. Essas imagens realizadas pelos professores e junto a eles, foram incorporadas ao livro de artista, por meio de um exercício individual de construção da narrativa.

O desenho foi o que primeiro emergiu desse corpo em construção, abrindo caminho de imagens por meio de linhas que registram e narram o percurso criativo, acompanhadas pelas cores da aquarela que buscam o diálogo por toda a superfície ou pelas manchas contrastantes do preto nanquim.

Figura 7: Fragmento V



Fonte: O autor (2018)

Outras imagens que se seguem evidenciam os traços do desenho que de uma maneira muito potente me remeteu às linhas do meu próprio processo de formação em diálogo com as histórias dos professores entrevistados. São traços que foram construindo um percurso como tatuador, como alguém que desenha, que grava e que nesse momento busca reorganizar a tessitura dessa trajetória a partir, também, desse elemento gráfico.

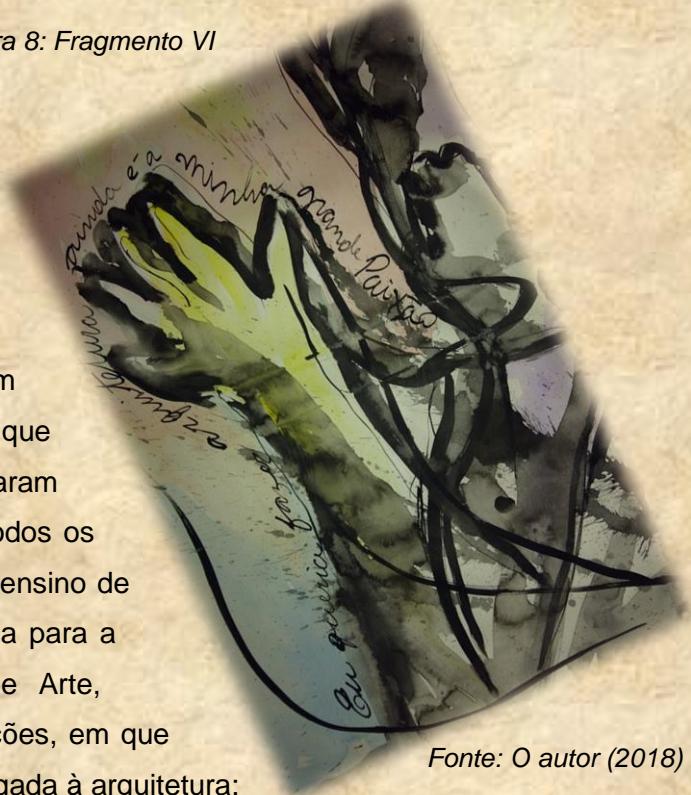
As cores originárias da aquarela guardam as indefinições das manchas de cores, da leveza, da generosidade com o suporte, sobre as quais por vezes o nanquim, preto ou branco, demarca com força seu espaço, delimita, se impõe. Já as fotografias realizadas durante o

processo colaborativo, tiveram sua materialidade trabalhada no aplicativo Photoshop e redefinidas a partir do propósito estético da composição que orienta a construção do livro de artista.

Figura 8: Fragmento VI

7. Corpos Narrativos

Com base nas vozes dos professores de Arte e na própria experiência pessoal, considero que o contato íntimo com a prática artística não é somente algo desejável, mas também necessário. Ao revisitar as condições com que esses caminhos da formação se delinearam durante suas trajetórias, cabe observar que todos os cinco professores entrevistados chegaram ao ensino de Arte a partir do contato ou de intenção voltada para a formação artística, mas não à docência de Arte, conforme podemos perceber em três declarações, em que a opção inicial de carreira profissional estava ligada à arquitetura:



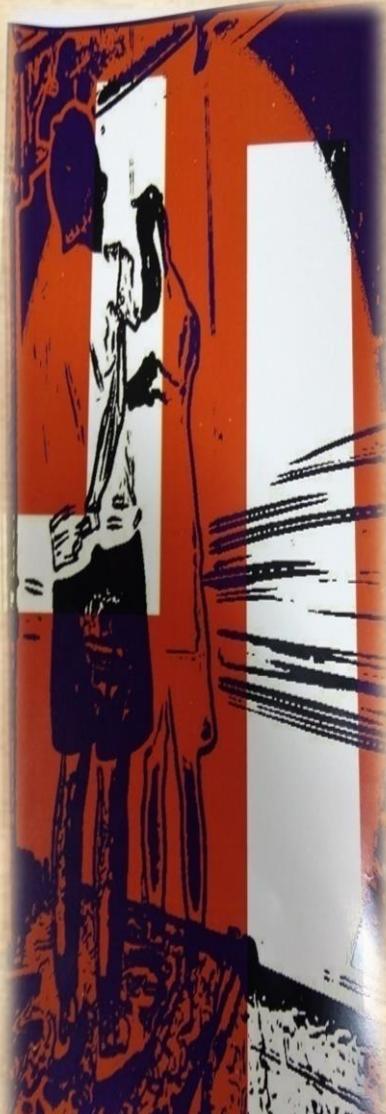
Fonte: O autor (2018)

Eu vou começar dizendo a você que eu não queria ser professora. Na verdade, me preparei num cursinho para fazer arquitetura [...], aliás, essa ainda é a minha grande paixão [...] (Professora Josy)

[...] eu queria me formar e entrar na medicina, por esse motivo, fiz o curso científico voltado para a biologia [...], mas na hora de fazer o vestibular pensei, “Não. Eu acho que eu não quero isso! ”, porque eu tinha uma atração pela arte e, então, resolvi prestar o vestibular para arquitetura, entrei e fiquei feliz da vida. (Professora Ana)

[...] o meu sonho era ser arquiteta... quando fui fazer magistério me encantei, mas pensei “Não quero ser professora”. Então fiquei na dúvida “E agora que faculdade que eu vou fazer? ” E decidi... “Vou fazer Arquitetura” [...]. (Professora Vera)

Figura 9: Fragmento VII



Fonte: O autor (2018)

Observando essas considerações, podemos perceber que as trilhas que as levaram ao ensino de Arte foram desenhadas a partir do descaminho da intenção inicial, sendo que no caso da professora Josy, apesar de hoje se encontrar estabilizada na sua carreira profissional docente, ainda guarda uma *grande paixão* não realizada, pois a escolha pela arte estava em segunda opção e a sua relação com o seu ensino numa terceira via, apesar de ter sido essa última a que se concretizou.

É o caso também da professora Ana, em que mesmo tendo cursado Arquitetura, as circunstâncias da vida aliadas ao fato de ser mulher e mãe, levaram-na a assumir os compromissos familiares em detrimento da carreira profissional, vindo a ingressar na área do ensino de Arte muito tempo depois dos filhos estarem em idade adulta. No caminho inverso, encontramos a professora Vera que, após concluir o Magistério, optou por fazer o curso de Arquitetura, mas também as circunstâncias da vida a levaram a se tornar professora, condição essa que abraçou como um projeto de vida.

Essa relação de não-intencionalidade inicial contribuiu para desenhar linhas em comum entre os caminhos e descaminhos desse *vir a ser* profissional, sendo singular a forma com que cada um lidou com essa questão, deixando transparecer, no entanto, o envolvimento com esse universo do ensino de Arte. Essas linhas esparsas, que em determinado momento convergem ou atravessam um ponto em comum, também guardam semelhanças com meu próprio percurso formativo, o qual ocorreu pelo viés da arte, cujas raízes estão deitadas na infância.

Foi o contato com as coisas simples da vida na fazenda, como o ato de desenhar na terra molhada; depois, o ato de apreciar as imagens sacras cheias de cores nas paredes da igreja e, por fim, as relações com o corpo no teatro, na capoeira e na tatuagem - sendo essa última a que me levou a buscar uma maior aproximação com a arte no ateliê, e a aproximação com artistas e técnicas. Essa experiência pode

Figura 10: Fragmento VIII



contribuir para ampliar minha visão a respeito do universo artístico, despertando em seguida o interesse em mergulhar num processo de formação acadêmica, que levaria a me tornar professor de Arte.

8. O artista: Um corpo invisível

Nas narrativas construídas pelos professores, ao serem questionados acerca de *qual relação mantém com o desenvolvimento de um processo criativo pessoal?* Transparece em suas falas o apontamento, unânime, a respeito do distanciamento que ocorre do processo de produção artística, da experimentação ou de criação de uma poética numa determinada linguagem artística, conforme se pode perceber nos excertos que se seguem:

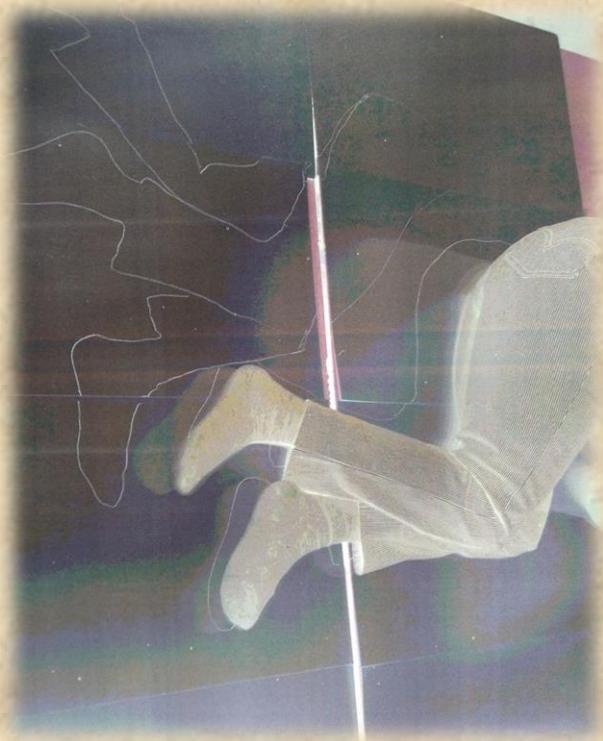
[...] Tem uma máxima que diz o seguinte “o professor de Arte é um artista frustrado”, não sei se você já ouviu falar isso... o professor de Arte é uma pessoa que não conseguiu ser artista, seja em qual linguagem for, músico ou ator, então, ele foi ser professor de arte. Eu até tenho a sensação de ter sido isso mesmo. Eu queria ser ator e acabei virando professor e de qualquer forma, na sala de aula a gente para de produzir, tem essa tendência, porque você fica sempre no elementar, tem sempre um sexto ano chegando que você dar conteúdo do sexto ano [...]. (Professor André)

[...] agora você tem duas oportunidades: Ou pega todo o seu potencial artístico coloca dentro da gaveta e diz “agora eu tenho um monte de diários para dar conta, planejamento, conselho de classe e varrer a sala, etc.”. Ou, vai viver isso fora da sala de aula, como artista, produtor, proponente de arte ou apreciador. Para ter uma ideia, faz muito tempo que eu não subo no palco, mas isso não porque eu não tenha vontade, mas porque não tenho mais tempo, oportunidade ou também eu mesmo acabo não me oportunizando isso [...]. (Professor André)

Depoimentos como esses permearam todas as narrativas dos entrevistados e trouxeram contribuições para despir a realidade do professor de Arte como um proposito de experiências, e acendem as perguntas: Como propor uma experiência em arte se os próprios professores se encontram alijados dessa possibilidade? Como provocar no outro o que ainda para mim é distante, difuso e não passou pelo meu corpo?

Então, essas questões surgem ao se desfazer o corpo do livro de artista, desdobrando-o, na existência da massa pictórica, dos grafismos e das imagens fotográficas, como nuances das relações dos professores de Arte com a experiência artística, pois em determinado momento desse processo de criação, foi necessário que esses corpos adentrassem o campo expressivo do trabalho, compondo junto as suas narrativas de histórias de vida um fazer artístico, cujo discurso visual é alimentado pela proposta de materialização em registros gráficos, nos contornos corporais da forma, permitindo um encontro com atitudes criadoras. *Figura 11: Fragmento IX*

Ainda, verdadeiramente esses encontros são como reencontros, por serem marcados pela solicitude e entrega ao gesto artístico, em cooperação coletiva com uma proposta poética que encontrou reverberações e contribuiu para a reflexão sobre o quanto um grupo de professores de Arte pode ser mobilizado em torno de um interesse considerado comum - no caso, o de fazer arte, e disparar processos de criação potentes e prenhes de sentido. Nesse caso, contribuíram para emergir imagens carregadas de grande valor simbólico e deram visibilidade a essa dimensão artística invisível no/do corpo docente de arte.



Fonte: O autor (2018)

9. Corpo político

Entre os cruzamentos realizados durante a construção das narrativas, puderam ser revelados traços de aproximação com a arte, da materialização do pensamento, do fazer e da transformação do real. Essa transformação passa pelo corpo do outro e de si mesmo, como nas relações entre o corpo e o espaço das escolas, das salas de aula. Ao trazerem em seus relatos essas questões de como vivenciam no seu cotidiano essa dimensão, esses professores nos apontam algumas pistas da importância do espaço, como um dos elementos que influenciam, diretamente, na qualidade das experiências artísticas vividas na escola e seu fazer artístico:

[...] eu não aceito mais aluno sentado na cadeira, para mim o aluno deve andar, circular, sair da sala, voltar. Eu faço esse movimento com

eles, então, o meu grande desafio é levá-los a entender que esse movimento pode existir com responsabilidade. (Professora Josy)

[...] confesso que ainda sou frustrada porque é triste, às vezes, entrar numa sala de aula e encontrar um aluno atrás do outro, aquela carteira quadrada, comum, não pode fazer barulho porque a sala do lado vai se incomodar..., então, isso me frustra bastante. (Professor Ana)

[...] eu preciso de um espaço, porque querem que a gente faça e aconteça, mas as carteiras são umas atrás das outras e se eu desorganizar e colocar em círculo, quando terminar, são cem minutos de aula, eu tenho que voltar tudo ao lugar... isso é ridículo [...], mas, se nós tivéssemos um espaço, território nosso, eles (os alunos) teriam apego a ele [...] (Professora Vera)

[...] nós lidamos com uma escola que não está preparada para o espaço de arte, para a vivência artística [...] na disciplina de Arte isso faz muita falta. Quando se chega à sala tem que desfazer o layout para que possa ter espaço. Ao final da aula tem que devolver tudo como estava. Para fazer uma pintura com os alunos é necessário ir lá fora, pois, a torneira fica a cinquenta metros de distância da sala de aula. Você sai da sala, nisso os alunos saem fazendo bagunça. Então, o espaço físico também é um dos dificultadores. (Professor André)

Essa dificuldade encontrada na prática escolar do ensino de Arte, diante das condições materiais e estruturais do espaço físico apontada na fala dos entrevistados, encontra-se também na relação com a política de ocupação do espaço escolar, denotando o desafio dos professores do componente curricular em lidar com essa

realidade objetiva de trabalho e suas limitações ou possibilidades de transgressão. Da mesma forma, essas limitações e transgressões se refletem diretamente no corpo discente.

Numa dessas experiências de luta pela conquista desse lugar trago, particularmente, uma determinada situação em que pude vivenciar a negação desse espaço para o ensino de Arte na escola. Situação essa que se apresentou revestida de um posicionamento político-

Figura 12: Fragmento X



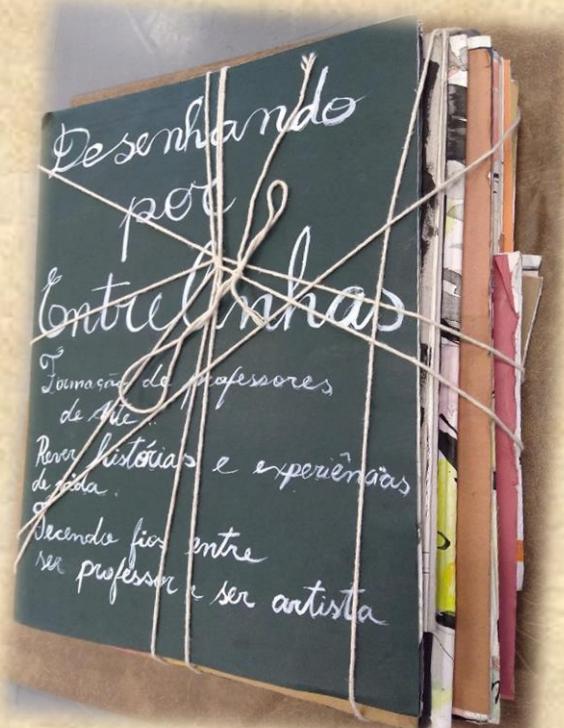
Fonte: O autor (2018)

institucional, sustentado pelo discurso da acessibilidade de maior número de alunos ao ambiente escolar. Ou seja, para garantir um maior número de vagas na escola, justificava-se, assim, a retirada do espaço que, até então, vinha sendo utilizado para as aulas de Arte, a fim de transformá-lo em duas novas salas regulares de aula. No entanto, diante da resistência da comunidade escolar a essa mudança e o acionamento do Conselho de Escola, essa decisão arbitrária pode ser revertida.

São, portanto, esses espaços de atuação política, lugares de experiências e de possibilidades de transformação, que essa bricolagem busca revelar, tanto no que diz respeito à pesquisa que parte das narrativas biográficas, como do objeto que corporifica essas inquietações - no caso, o livro de artista.

10. Corpo artístico

Figura 13: Corpo do livro de artista



Fonte: O autor (2018)

As imagens do contorno dos corpos produzida coletivamente com o grupo de professores desta pesquisa tiveram uma intencionalidade, ao trazer para o centro dessa experiência um exercício muito presente na prática escolar, o qual por vezes já utilizei e também já consegui identificar no repertório didático de outros colegas professores, podendo variar os sentidos de acordo com o objetivo proposto, como a das relações do corpo no espaço.

O corpo desse trabalho é o livro de artista, como um convite a repensar as experiências de formação, à medida que vamos nos formando durante a trajetória de vida.

Considerações

A realização desse trabalho, vinculado ao processo de criação poética, proporcionou reflexões relacionadas à formação de professores de Arte que, partindo de um grupo conciso porém heterogêneo em diversos aspectos - como no que diz respeito ao tempo de exercício docente - apontou para questões em comum que habitam a prática docente desses professores, independentemente do tempo e do espaço dessa atuação, revelando não consolidações, mas abertura para transformações contínuas do exercício profissional. Representou, também, no meu processo de formação, um fator de autoconhecimento que demandou a retomada de experiências vividas e que permitem redesenhar o meu percurso formativo e propor novos objetivos.

Quanto à realização do processo criativo em si, que teve como ingredientes as narrativas dos professores de Arte em diálogo com meu próprio percurso formativo, trouxe a possibilidade de reencontro com o fazer artístico conectado a um vasto universo de imagens que se formaram durante essa trajetória, como as gravuras, os desenhos ou a fotografia, presentes no corpo desse trabalho e que resgatam memórias e histórias. Inicialmente, tive certa resistência em aceitar o processo de criação como forma de apresentar essa pesquisa, uma vez que o modelo da dissertação havia sido previamente escolhido. Mas o que não suspeitava era o quanto essa escolha iria proporcionar transformação na forma de me relacionar com o conteúdo da pesquisa e, ao mesmo tempo, demandou um grande desafio estabelecer, artisticamente, ligações com meu próprio percurso formativo. Ao revisitar, pois, algumas partes desse corpo em formação, tive que reinterpretar e ressignificar passagens que, até então, não havia me dado conta da sua importância na constituição dessa trajetória.

Dentre essas passagens da memória, algumas imagens emergiram muito fortes, como no período de dez anos em que estive à frente de um estúdio de tatuagem, lidando diretamente com o corpo, a pele e as sensações das pessoas. Da forma como essa prática me conduziu às aulas no ateliê e ao contato com diversos artistas, ao desenvolvimento de técnicas e ao cultivo do pensamento artístico. Ainda, a vivência com o teatro e seus jogos ou a prática da capoeira, que atravessam esses períodos e possibilitaram tecer relações entre corpo, mente, espaço e identidade.

Essas relações me ajudaram a compreender melhor o meu lugar na sala de aula, no ensino de Arte e, possivelmente, reconhecer as necessidades da expressão artística de maneira não centralizada.

Com esse trabalho pretendo, junto ao grupo de professores da Rede de Ensino Municipal, alimentar a continuidade do processo criativo, trazendo as narrativas e o livro de artista como uma possibilidade de encurtar o distanciamento entre o ensino de Arte e a prática artística. Um dos caminhos é a participação no grupo de processos de criação dos professores de Arte da Rede de Ensino Municipal. Esse grupo vem sendo fomentado desde o ano de 2017 e tem como princípio a adesão dos professores de acordo com seu interesse em desenvolver um processo de criativo numa das linguagens artísticas (Teatro, Dança, Música ou Artes Visuais). Esses encontros acontecem regularmente dentro do horário destinado à formação do professor e tem se constituído num espaço de trocas e de fomento ao desenvolvimento da poética pessoal de cada professor.

Dessa forma, muito mais do que plasmar um objeto, esse processo criativo, em colaboração com os meus pares professores de Arte, despertou o olhar sensível para questões que, até então, acreditava-se só ser acessadas pelo caminho exclusivo da argumentação textual, racional. Não que o objeto resultante da experiência de criação não seja um texto ou que não agregue um componente racional, além da poesia, da metáfora e do sensível, mas a compreensão de que, na sua condição de metalinguagem, o livro de artista proposto por mim tem como intenção abrir possibilidades interpretativas e suscitar também outras questões que buscam muito além do que respostas, como nas imagens que se encontram ainda ocultadas e que somente o gesto ativo pode revelar.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A.M. **Redesenhandando o desenho: educadores, política e história.** São Paulo: Cortez, 2015.
- DEWEY, J. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- GATTI, B.A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livros, 2012.
- HUBERMAN, M. **O ciclo de vida dos professores.** In: NÓVOA, António (Org.) *Vidas de Professores*. Porto, Porto Editora, LDA. 1995.
- JOSSO, M.C. **Caminhar para si.** Trad. Albino Pozzer. Cood. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência.** Col. Educação: Experiência e sentido. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1º Ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LAMPERT, J. **diários de artista e diário de professor: deambulações sobre o ensino da pintura.** Florianópolis: Ed. do autor, 2016.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- SILVEIRA, P. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista.** Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- ZAMBONI, S. **Pesquisa em arte.** 4ªed. Campinas: Autores associados.
- ZAMBRANO, M. **Filosofia y poesía.** 4ª.ed. México: FCE,1996.